



ESTADOS UNIDOS

Um futuro incerto

Secretário de Estado assume o comando da Usaid, agência de execução de programas de ajuda humanitária em 130 países. O bilionário Elon Musk afirma que Trump concordou em fechar as portas da entidade, chamada por ele de "organização criminosa"

Um dos pontos nevrálgicos do novo governo de Donald Trump, que completou duas semanas ontem, a gigantesca Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês) começou a semana agnizante, com um futuro incerto. Depois de um fim de semana de ataques, com suspensão de dirigentes, o secretário de Estado, Marco Rubio, anunciou ter assumido temporariamente o comando da agência de execução de programas de ajuda externa.

"Sou o diretor interino da Usaid", declarou Rubio, ontem, durante a visita a El Salvador, assinalando que acabará com a "insubordinação" da agência à agenda de Trump. O presidente republicano, segundo o bilionário Elon Musk, teria concordado em fechar a Usaid. Fala-se, ainda, na transformação da entidade independente em um departamento — esvaziado — da Secretaria de Estado.

Como parte de uma de suas primeiras decisões após retornar à Casa Branca, em 20 de janeiro, Donald Trump congelou as ajudas de Washington a outros países por três meses enquanto avalia se esses gastos respondem aos interesses do país. Criada por uma lei do Congresso em 1961, no governo do presidente John F. Kennedy, a Usaid tem um orçamento de US\$ 42,8 bilhões (em torno de R\$ 251,1 bilhões) destinados à ajuda humanitária e assistência ao desenvolvimento em cerca de 130 países.

O clímax da discórdia entre a Usaid e a Casa Branca se deu na semana passada, após dois altos funcionários de segurança impedirem o acesso de integrantes do Departamento de Eficiência Governamental (Doge), liderado pelo bilionário Elon Musk, a sistemas restritos. Ambos foram afastados. Em meio à polêmica, o site da agência saiu do ar no sábado.

"A Usaid é uma organização criminosa", escreveu Musk em sua rede social X, no domingo, ao responder a um vídeo no qual a agência é acusada de estar supostamente envolvida "em trabalhos sujos da CIA" e na "censura da internet". Pouco depois, Trump afirmou que a agência é "dirigida por lunáticos radicais".

"Ninho de víboras"

Elon Musk disse ter discutido com Trump um plano para fechar a agência. "Falei com o presidente em detalhes, e ele concordou que deveríamos fechá-la", sustentou o bilionário durante um debate em sua plataforma X. O CEO de SpaceX e Tesla classificou a Usaid de "ninho de víboras

AFP



Manifestante exhibe cartaz contra o dono da rede social X durante protesto em frente à sede da Usaid, em Washington

Em muitos casos, a Usaid participa de programas que vão contra o que tentamos fazer com nossa estratégia nacional"

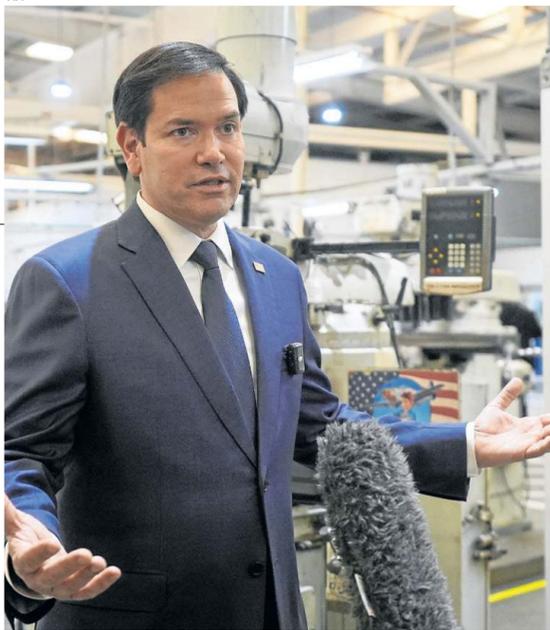
Marco Rubio,
chefe da diplomacia norte-americana

marxistas de esquerda radical que odeiam os Estados Unidos".

"Basicamente, é preciso se livrar de tudo", observou Musk. Sem apresentar provas, ele alega que a Usaid "financiou a pesquisa sobre armas biológicas, incluída a covid-19, que matou milhões de pessoas".

Musk "não pode fazer e não vai fazer" nada sem "nossa aprovação", respondeu Trump. A ala de extrema direita e libertária do Partido Republicano sustenta que os Estados Unidos desperdiçam o dinheiro no exterior enquanto ignoram os norte-americanos.

AFP



Os democratas, que são minoria no Congresso, deram o sinal de alerta para a medida que consideram inconstitucional. O Congresso tem autoridade sobre o orçamento americano, mas Musk argumenta que o Doge pode decidir como o dinheiro será utilizado. Como o bilionário não é um servidor federal nem funcionário, não está claro a quem

ele ou sua agência têm de prestar contas, além de Trump.

O dinamismo de Musk, que levou para o Doge trabalhadores de suas próprias empresas, pegou os opositores desprevenidos. Em um episódio especialmente tenso, a equipe do dono da X insistiu em obter acesso ao sistema de pagamentos altamente sensível do Tesouro, que é usado

para despachar trilhões de dólares por ano para todo o governo. Também contém dados pessoais de muitos americanos.

"Não me ocorre nenhuma boa razão para que operadores políticos que tenham demonstrado flagrante desprezo pela lei necessitem ter acesso a esses sistemas sensíveis e de missão crítica", escreveu o senador democrata Ron Wyden em carta ao novo secretário do Tesouro de Trump, Scott Bessent.

Protesto

Em meio à situação, a sede de Washington amanheceu, ontem, de fato, com as portas fechadas. No fim da noite de domingo, funcionários receberam um e-mail informando que não deveriam se apresentar ao trabalho ontem de manhã. Cerca de mil trabalhadores se depararam com o sistema informático bloqueado, informou a Devex, uma plataforma especializada em desenvolvimento. Cerca de dois terços dos mais de 10 mil funcionários são estrangeiros

Com cartazes e palavras de ordem, servidores e defensores da agência protestaram em frente à sede da agência em Washington. "Salvem a Usaid, salvem vidas." Maior doador individual do mundo, a Usaid financia programas sanitários e de emergência em cerca de

» Fora do ar

Centenas de sites do governo dos Estados Unidos estavam offline ontem, de acordo com um levantamento realizado pela agência de notícias France Presse (AFP). De uma lista de aproximadamente 1,4 mil portais federais, fornecida pela Agência de Segurança Cibernética e de Infraestrutura (CISA), mais de 350 estavam indisponíveis ao longo da tarde. Entre eles, sites ligados aos departamentos de defesa, comércio, energia, transportes, trabalho, bem como à Agência Central de Inteligência e à Suprema Corte, de acordo com a análise. Além disso, verificou-se que uma série de páginas, incluindo as das principais agências de saúde pública, eliminaram referências a LGBTQIAPN+ após uma diretriz emitida pelo presidente Donald Trump na semana passada. Nela, o chefe da Casa Branca instruiu o encerramento de todos os programas financiados pelos contribuintes que promovam a "ideologia de gênero".

120 países, incluídas as regiões mais pobres do mundo.

Marco Rubio ressaltou que sua missão é alinhar a agência com prioridades de Trump. Ele assinalou que a Usaid não havia respondido a perguntas do governo, acrescentando que "esse nível de insubordinação torna impossível conduzir um tipo de revisão séria".

O secretário, que apoiou a ajuda externa como senador, acrescentou que muitas das funções da Usaid continuarão, mas acusou-a de agir como se fosse uma "entidade não governamental independente". "Em muitos casos, participa de programas que vão contra o que tentamos fazer com nossa estratégia nacional", insistiu.

O ex-presidente da Rússia Dmitry Medvedev aplaudiu a aparente sentença de morte da agência de ajuda. "Jogada inteligente de Elon Musk, tentando tampar a Garganta Profunda da Usaid", publicou o russo no X.

Por sua vez, o diretor do Centro de Política e Política de Saúde Global da Universidade de Georgetown, Matthew Kavanaugh, considerou o possível fechamento da agência um "desastre para a política externa norte-americana".

ORIENTE MÉDIO

Segunda fase da trégua sem garantia

Na véspera da reunião com o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, externou, ontem, incerteza sobre a manutenção do cessar-fogo em Gaza. "Não tenho nenhuma garantia de que a paz será mantida", disse o republicano, ao lado de seu enviado especial para o Oriente Médio, Steve Witkoff, que acrescentou: "(o acordo) está resistindo até agora, então certamente temos a esperança (...) de libertar os reféns, salvar vidas e chegarmos, como esperamos, a uma solução pacífica".

Netanyahu passou o dia

ontem em Washington, discutindo a segunda fase da trégua. Ao término das libertações da primeira etapa do cessar-fogo, que entrou em vigor em 19 de janeiro, o Hamas ainda mantém cerca de 50 reféns. premiê israelense é o primeiro líder estrangeiro a ser recebido por Trump desde sua posse, um símbolo da aliança inquebrável entre os dois países.

Dois representantes do Hamas disseram à agência de notícias France Presse (AFP), sob condição de anonimato, que o movimento islamista está "pronto para iniciar as negociações" do novo estágio do acordo. As

discussões se concentrarão em "evitar um retorno à guerra", na "retirada militar" israelense de Gaza e nos "critérios" para as trocas entre os últimos reféns israelenses e prisioneiros palestinos, explicou um deles.

"Estamos esperando que os mediadores lancem a segunda fase", afirmou o outro. "Pedimos que garantam que o ocupante israelense irá aderir ao acordo e não o paralise", acrescentaram.

A expectativa é que as negociações permitam a libertação dos últimos reféns mantidos em cativeiro na Faixa de Gaza e o fim definitivo da guerra,

desencadeada pelo ataque sem precedentes do grupo palestino em 7 de outubro de 2023. As conversas ocorrem simultaneamente a uma operação militar israelense no norte da Cisjordânia ocupada.

A Rússia pediu, ontem, aos líderes do Hamas que "cumpram suas promessas" sobre a libertação de reféns, durante uma visita de um representante do movimento islamista palestino a Moscou. O vice-presidente do gabinete político do Hamas, Musa Abu Marzuk, se reuniu com o vice-ministro russo das Relações Exteriores, Mikhail Bogdanov.

AFP



Em Jerusalém, familiares de reféns do Hamas pressionam governo